



Reciclada... Qual a seu Papel?

Érica Matilde Canarim*, ** Daniela Julie Carvalho Becho

Introdução

O projeto "Reciclado... Qual o seu Papel?" é uma proposta auto-sustentável desenvolvida em instituição governamental visando à inclusão social através do acesso à cultura e da conscientização ambiental. A proposta é oferecer subsídios científicos e terapêuticos aos adolescentes encaminhados ao Núcleo de Estudos e Pesquisas em Atenção ao uso de Drogas (NEPAD/UERJ) através de determinação do Poder Judiciário, mas que não apresentam demanda para tratamento. A proposta deverá ser realizada nas instalações do Centro de Convivência, parte integrante do Setor Clínico do NEPAD/UERJ.

O público alvo do projeto são os jovens de catorze a dezenove anos, residentes no Estado do Rio de Janeiro, encaminhados pelo Poder Judiciário para fins de tratamento adequado ao uso abusivo e/ou indevido de Drogas.

A pesquisa-ação, uma proposta de atuação, está subdividida em três fases. Na primeira fase, a reciclagem, num contexto de sensibilização a uma conscientização ambiental mais ampla, serve de pano de fundo para a discussão dos diversos papéis sociais existentes na sociedade e suas responsabilidades específicas.

(...) A principal característica de pesquisa-ação, neste caso, não se limita à implicação do pesquisador, mas principalmente envolve a implicação de todos os atores sociais que, engajados na busca de um sentido para suas práticas sociais, procuram tratar os problemas coletivamente, mas interiormente confrontando-se a si próprios, trabalhando suas próprias relações com os problemas e com a realidade social que vivem, objetos e sujeitos ao mesmo tempo, entrevendo assim um pouco mais da verdade. Trabalho fragmentário de difícil, às vezes espinho-

Resumo

Partindo da experiência no tratamento de usuários de drogas no Núcleo de Estudos e Pesquisas em Atenção ao uso de Drogas (NEPAD/UERJ) e da leitura de bibliografia especializada, é possível considerar o uso abusivo de drogas como um sintoma psicossocial. O uso na infância e adolescência são apresentados aqui como resultado de uma série de fenômenos em confluência, estes originados nos diversos setores da sociedade, dentre eles, os meios de comunicação social (MCS), a comunidade local, a família e os amigos; analisados singularmente em alguns de seus aspectos, de acordo com sua contribuição para o tema.

A ideia de um sujeito construído na inter-relação com o meio através da comunicação é o eixo teórico que norteia o trabalho. A violência nas grandes metrópoles, as exigências do mercado de trabalho, o descaso pelo sistema de educação e seus integrantes, a cultura consumista imediatista, entre outros fenômenos da pós-modernidade, tornam-se ferramentas de controle social auxiliando no processo de produção de indivíduos transgressores. Desenvolver técnicas de transmissão de conceitos, teorias e informações, fazendo uso da arte e de dinâmicas que auxiliem o aumento da qualidade de vida e do desenvolvimento da identidade cultural do público-alvo, é necessário a uma inclusão social efetiva.

Palavras-Chave: cultura; drogas; meio ambiente; qualidade de vida

* Psicóloga, formada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); Bolsista do Programa de Capacitação Profissional na UERJ, lotada no Núcleo de Estudos e Pesquisas em Atenção ao uso de Drogas (NEPAD/UERJ); Mestranda em Psicologia Social no EICOS/ UFRJ, em formação no Instituto de Terapia de Família do Rio de Janeiro (ITF-RJ). E-mail: psicoterapeuta@hotmail.com

** Terapeuta Ocupacional, formada pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), lotada no Núcleo de Estudos e Pesquisas em Atenção ao uso de Drogas do Centro Biomédico da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

so e doloroso, modesto, mas que auxilia a cada um a se definir com relação a si próprio e ao outro, compreender seu lugar, suas possibilidades, seus limites, seus vínculos, entrever mudanças, refletir, se afirmar, buscar o lugar do seu desejo, no respeito ao desejo do outro. (Nasciutti, 1996).

Durante a segunda fase do projeto, questões pertinentes à comunicação e ao desenvolvimento da vida social do jovem são tratadas através de oficinas artísticas e visitas a centros culturais da cidade do Rio de Janeiro. A última etapa do projeto objetiva tanto a formação de uma identidade cultural através de visitas guiadas a Centros Históricos, quanto a reinserção escolar do adolescente, que, após a descoberta de seus novos potenciais, recebe o direcionamento adequado. Em Schnitman (1996) "(...) traz-se ao centro de interesse para terapia aqueles processos de construção dos sujeitos que se **constróem** ao **construir** práticas, conhecimento, cultura, dinâmicas sociais"

O projeto em desenvolvimento está de acordo com as determinações e observações da Organização Mundial de Saúde quanto ao tratamento diferenciado aos jovens, a fim de garantir uma efetiva adesão.

O interesse em conceitos como "padrão de vida" e "qualidade de vida" foi inicialmente partilhado por cientistas sociais, filósofos e políticos. O crescente desenvolvimento tecnológico da Medicina e ciências afins trouxe como uma conseqüência negativa a sua progressiva desumanização. Assim, a preocupação com o conceito de "qualidade de vida" refere-se a um movimento dentro das ciências humanas e biológicas no sentido de valorizar parâmetros mais amplos que o controle de sintomas, a diminuição da mortalidade ou o aumento da expectativa de vida. (Fleck, Leal e Louzada, et al., 1999)

O uso abusivo de drogas na sociedade urbana brasileira é apresentado como resultado de uma série de fenômenos em confluência, fenômenos estes originados na interação entre os diversos setores da sociedade, dentre eles, os meios de comunicação social, a comunidade local e a família. Subsistemas culturais analisados singularmente em alguns de seus aspectos, de acordo com sua contribuição para o tema, embora em realidade simultaneamente sejam autores e vítimas dos efeitos da marginalização e violência geradas pelo uso e pelo tráfico de drogas.

A droga, mesmo na atualidade, possui um caráter agregador. Ainda hoje, representantes das sociedades ditas civilizadas se reúnem para fazer uso dela num contexto cultural, religioso ou de socialização, como é o caso de festas comemorativas (feriados nacionais, casamentos, aniversários infantis, reveillon) a nível privado ou público, independentemente da faixa etária, etnia, religião e classe social, e sendo assim, todos consomem drogas.

Droga é qualquer substância, lícita ou ilícita, consumida com fins a obtenção de efeitos psicoativos no organismo, dentre elas, são exemplo, o açúcar, o guaraná, o álcool, o café, o chocolate, o tabaco, a maconha, o haxixe, as folhas de coca, ou seu derivado sintético, a cocaína, os inibidores de apetite, os anabolizantes, os diversos ácidos, o ecstasy, os benzodiazepínicos (os tranqüilizantes), os opiáceos como a morfina e a heroína, etc.

Sob uma perspectiva sociohistórica, atesta-se que algumas cidades foram culturalmente constituídas a partir dos signos cotidianos gerados através do cultivo da matéria-prima e da produção de uma droga. O progresso do plantio 'humanizado', amplo e planejado, com vistas à produção comercial em larga escala, se confunde com a história da cidade e de seu povo. Evidência disso é a influência exercida pelo cultivo da matéria-prima (da droga) na geração das leis e das tradições. Personagens como o Barão do café e o Senhor do Engenho de cana-de-açúcar corroboram o contexto apresentado: o consumo da droga se faz presente em eventos promotores da identidade cultural dos cidadãos, em cerimônias tradicionais e festas, e, ainda, em cerimônias religiosas.

A cultura do consumo sobrepõe o consumo aos valores, isto é, o status de um indivíduo está relacionado ao seu patrimônio e não às suas características singulares ou habilidades sociais. Sendo assim, 'ter' é melhor que 'ser'. E isso afeta diretamente o *modus operandi* do desenvolvimento humano, gerando crises e conflitos de identidade. A crise se instala porque há o conflito entre duas ou mais informações (sociais) paradoxais, em contradição uma com as outras e com os valores e crenças da comunidade local que as rejeita. Romani (2003) afirma que os meios de comunicação social, enquanto uma das instituições que tem função socializante e de controle

social, é o espaço no qual as informações sobre as drogas deveriam ser inseridas.

Os brasileiros estão expostos diariamente às milhares de mensagens veiculadas pelos mais diversos meios de comunicação social. Desde o discurso de seus antepassados, passados de geração em geração, até os programas televisivos específicos às diferentes faixas etárias, socioeconômicas e culturais. Durante a década de 50 foi descoberto um novo filão de consumidores, os jovens, sempre prontos a qualquer experimentação quando estimulados apropriadamente. A partir de então, o mercado direciona milhões de novos produtos aos adolescentes e jovens adultos com a certeza de um bom retorno financeiro. Desde estações de rádio especializadas até os canais de televisão direcionados ao público em questão, todos veiculam estrategicamente centenas de mensagens diariamente, não raro contraditórias ou ainda paradoxais, a fim de incitar o consumo.

A cultura do consumo associada ao crescente índice de violência nas urbes, às crescentes demandas do mercado de trabalho, ao stress, às doenças sexualmente transmissíveis, ao controle mascarado pela superproteção dos pais, a fragmentação familiar – todos esses, sintomas da pós-modernidade globalizada – favorecem a alienação, embotam a autonomia do indivíduo e alteram as formas de interação entre este e a sociedade à qual pertence. O panorama descrito anteriormente parcialmente fornece um ambiente favorável ao consumo abusivo de narcóticos, medicamentos, álcool e tabaco.

A proposta apresentada, entre outras, a idéia de um sujeito construído na inter-relação deste com seu meio ambiente através da comunicação. O uso de drogas em sociedades antigas e recentes, civilizadas ou primitivas, é ensinado de geração em geração através da linguagem oculta da identidade sócio-histórica-religiosa-cultural. Uma linguagem repleta de signos que são assimilados sem resistência, principalmente pela camada jovem da população.

Mensagens paradoxais, ou contraditórias, na mídia, utilizadas como estratégia de marketing podem ser observadas diariamente. Não é difícil atestá-las quando se lança um olhar crítico aos anúncios. Status social, prazer inenarrável, poder, aceitação, sexo e liberdade são informações mescladas à imagem do produto a ser vendido.

Alguns exemplos deste tipo de linguagem esquizofrenizante são os anúncios que mostram adolescentes de aparência saudável em perfeita concordância com o padrão estético-cultural (disseminado pelos mesmos veículos de comunicação) frequentando lanchonetes de *fast-food*, mesmo se tendo comprovação de que o tipo de alimento comercializado, quando ingerido, acarreta obesidade e outros problemas de saúde, ou ainda, com relação à divulgação de substâncias psicoativas, a exibição de desportistas fazendo uso de nicotina após a realização de atividades que demandam um excelente preparo físico, como por exemplo, escalar o Monte Everest.

No âmbito familiar, não é raro presenciar a iniciação do jovem ao uso de drogas, estimulada pelos próprios pais. Esse ato representativo, denota o reconhecimento do adolescente como um indivíduo adulto, tendo em vista que, no caso das substâncias lícitas o uso é restrito à faixa etária. Esta atitude normalmente é apresentada como recompensa a uma demonstração de responsabilidade. Em filmes e outros programas de televisão, após momentos de desgaste emocional ou físico intensos, usualmente são mostradas cenas de um pai dividindo uma cerveja com o filho, ou de uma mãe entregando à sua filha seus 'calmantes' ou acendendo um cigarro.

Os diferentes grupos socioculturais formam-se a partir da identificação de seus pares. O uso de um determinado tipo de droga é frequentemente um dos pré-requisitos para aceitação de um indivíduo em um grupo. Logo, a droga e sua representação social (local e global) auxiliam na distinção dos indivíduos durante o processo de formação dos grupos. Essa distinção ocorre na adolescência de maneira bastante sutil e o uso da droga é tão essencial num primeiro contato com o outro, quanto o estilo da roupa que se está vestindo, o ambiente que frequenta ou as gírias usadas.

A juventude tanto rica quanto pobre das grandes cidades sofre com o aprisionamento. Os ricos aprisionam-se em seus condomínios, nas escolas muradas, nas grandes distâncias e pelos horários das atividades extra-curriculares (línguas, informática, esportes nas academias e clubes, etc.), meticulosamente regrados e planejados a fim de atender às demandas do mercado de trabalho globalizado e alcançar aceitação,

conseguindo sobreviver no mundo. Para garantir a sobrevivência, o ócio criativo e prazeroso às crianças e adolescentes é vedado, sob o pretexto de permanecer ao abrigo de qualquer risco, em segurança, num “mundo cão”. **Sem liberdade**, tentam se desenvolver, sem sucesso, numa redoma frágil energeticamente pressurizada por expectativas, medos, isolamento, pouco prazer e nenhum espaço para o reconhecimento ou a expressão de seus desejos e sentimentos. Enfim, num ambiente constantemente sujeito a implosões.

A juventude pobre fica confinada às suas comunidades, não por muros e grades, mas por uma gigantesca muralha da china invisível gerada pela violência das guerrilhas entre facções e comandos rivais. Assim como os pais das crianças ricas, os pais pobres limitam seus filhos às fronteiras de suas comunidades, restringindo desta forma sua identificação cultural com o município, estado e país. Isto se daria somente a partir da obtenção de conhecimento, possível apenas através da troca de experiências concretas com a sociedade, por intermédio da escola e de visitas a centros culturais e museus. Estas atividades ajudariam a juventude brasileira a se contextualizar sociohistórico e culturalmente tanto em sua comunidade local quanto no mundo.

A perspectiva de um futuro com qualidade de vida é o sonho, quase inatingível, do adolescente que vive em situação de miséria nas grandes metrópoles do Brasil.

O status e o poder que circunscreve a figura do ‘dono’ do morro, associados ao sentimento emergente de aceitação e de pertencimento a um grupo, anseio saudável de qualquer ser humano, facilitam o recrutamento, quase impositivo pelos ‘comandos’, de crianças e adolescentes, para a formação de exércitos mirins. Meninos e meninas, recrutados como ‘soldados’ ou ‘vapores’, são iniciados e “fardados” com a cor da facção local, isto é, do grupo com o qual se identificam, sendo capazes de defender seus líderes com a própria vida, sempre que necessário.

Detenhamo-nos, então, neste novo inimigo interno, construído, que é também o laço mais frágil dessa história, apesar de sua demonização. O jovem traficante, vítima do desemprego e da destruição das políticas públicas, é recrutado pelo poderoso mercado de drogas. Com a consolidação da cocaína no mercado internacional, o sis-

tema absorve seu uso, mas criminaliza sua venda, efetuada no varejo pela juventude pobre da periferia carioca. O sistema convive com sua utilização social, sua alta lucratividade, mas desenvolve um discurso moral esquizofrênico que demoniza a parcela da população atirada à sua venda pelo mercado de trabalho excludente e recessivo. A manutenção de sua ilegalidade aumenta a lucratividade e reduz à condição de bagaço humano uma parcela significativa da juventude pobre de nossas cidades. Aos jovens de classe média que a consomem aplica-se o estereótipo médico, e aos jovens pobres que a comercializam, o estereótipo criminal. Este quadro propiciou um colossal processo de criminalização de jovens pobres que hoje superlotam os sistemas de atendimento aos adolescentes infratores (Malaguti Batista, 1999). Enfim, na geopolítica da exclusão global, meninos pobres vendem drogas ilegais para meninos ricos. Enquanto anestesiavam-se uns, metralham-se outros; mas ambos os grupos – os ricos e os pobres – estão controlados. Controle social no fim do milênio. (Batista, 2003, pp. 161-162)

Objetivo Geral

Oferecer um espaço terapêutico alternativo que ofereça os subsídios necessários à melhoria da qualidade de vida durante o processo de inclusão social do jovem que não apresenta demanda para psicoterapia.

Objetivos Específicos

Os objetivos específicos do projeto são :fazer uso da sensibilização ambiental e da ecologia como ferramenta no processo de desalienação social; propiciar a reinserção escolar; incentivar o desenvolvimento das potencialidades individuais; utilizar a arte como via alternativa de expressão; oferecer um espaço que propicie a discussão reflexiva acerca da Responsabilidade Social e da Cidadania e seus efeitos subjetivos; promover a Inclusão Social dos jovens (participantes) através do processo de desenvolvimento da identificação cultural; ampliar os horizontes geográficos e culturais deste público e criação de uma rede de colaboradores, através do estabelecimento de Parcerias e Convênios.

Metodologia

O primeiro contato do jovem com a instituição deverá ocorrer através de uma Recepção Integrada, realizada por uma equipe interdisciplinar, sendo alguns desses profissionais especializados em Adolescentes. Os principais critérios de elegibilidade do jovem para a participação do projeto são a ausência de demanda para tratamento e o conflito com a lei. Quando encaminhado, o sujeito é submetido a algumas entrevistas individuais preliminares que abrangem desde a exposição do cronograma de atividades até a aplicação dos questionários de avaliação da qualidade de vida, citado anteriormente.

Após a seleção e formação de um grupo de, no máximo, quinze integrantes, as técnicas propostas por Enrique Pichón-Rivière na realização de Grupos Operativos são aplicadas, sabendo que este considerava sinônimos mudança e aprendizagem. Segundo este autor, a mudança ocorre através da proposição e execução de tarefas. Os grupos deverão ser coordenados por dois profissionais de saúde, com experiência prévia em tratamento de jovens com problemas relacionados ao uso indevido ou abusivo de álcool e drogas e com jovens em conflito com a lei.

As três etapas prático-terapêuticas do projeto são pré-definidas. Cada uma delas é responsável por diferentes objetivos específicos, a serem atingidos durante os doze encontros, três encontros semanais, em média.

A primeira etapa recebeu o título de Oficina de Reciclagem, pois pretende transmitir aos adolescentes as diversas técnicas de reciclagem (papel, garrafas PET, etc.) e promover visitas a centros comunitários de reciclagem, possibilitando desta forma a sensibilização para uma futura educação ambiental, além de fazer uso deste contexto para promover discussões permanentes sobre os papéis exercidos pelos diversos atores sociais.

A segunda etapa, Oficina de Expressão, permeará as questões relacionadas às dificuldades em transmitir informações, levando em consideração que é característico do adolescente utilizar um linguajar próprio, que permite a identificação deste com o grupo ao qual pertence. 'Toda regra é uma ilha cercada de exceções por todos os lados', entretanto se faz necessário pontuar que o jovem, quando faz uso abusivo de drogas, está apresentando sinais de um desenvolvi-

mento social deficitário, e, para tanto, foi considerada a hipótese que relaciona este a uma dificuldade em se comunicar tanto com outros, seus pares, quanto com qualquer um.

A última etapa, a Oficina Histórico-cultural, visa estimular a identificação cultural do adolescente com a cidade do Rio de Janeiro, através de visitas guiadas por Centros Históricos e/ou Culturais do município em questão. Além de propiciar visitas a um SESC e um SENAI, contextualizadas com a proposta de reinserção escolar. A história do Brasil e o personagem 'brasileiro' são trabalhados com o uso do humor.

Os recursos técnico-metodológicos sugeridos como principais ferramentas de avaliação dos resultados do projeto deverão possibilitar uma análise qualitativa dos efeitos deste sobre o público-alvo. O primeiro é um questionário desenvolvido pela Organização Mundial de Saúde em sua versão em português, instrumento de avaliação de Qualidade de Vida (WHOQOL-100), a fim de verificar a questão entre os jovens assistidos pelo supracitado projeto, enquanto o outro instrumento qualitativo, a *análise do discurso*, apresenta a interpretação do pesquisador dos dados coletados durante entrevistas individuais ou em grupo a fim de determinar se os objetivos, geral e específicos estabelecidos, foram alcançados.

A formação de redes sociais viabilizam o trabalho interdisciplinar, tendo em vista que a formação de parcerias e convênios prevêem, não apenas uma união entre especialistas, possibilitando a troca de conhecimentos ou saberes científico entre os profissionais de diversas áreas, como também a parceria com a UERJ de várias instituições e empresas que buscam uma estratégia de ação que aponte para um desenvolvimento sustentável.

Resultados e Discussão

A melhoria da qualidade de vida da população investigada é o índice avaliador das oficinas e das hipóteses levantadas por este projeto. Se a juventude da era da informação está confinada às fronteiras construídas pelas crises geradas pela contradição entre os meios e os fins da globalização, como libertá-la, se não através do desenvolvimento de sua criatividade, capacitando-a para a solidariedade, o

respeito às diferenças, atribuindo-lhe valor e potência? A convivência, o aprendizado consciente, a inter-relação e a compreensão seriam o tão desejado e esperado “santo remédio” às “novas doenças da alma”?

É considerando essas ‘novas doenças da alma’ que a clínica atual deve ser criativa, repensando tipos de intervenções adequadas às situações nas quais os sistemas de simbolização, inclusive toda expressão verbal, mostram-se fragilizados e preteridos. Vale salientar a expressão ‘patologias do não-agir’, para se referir a certos comportamentos, entre eles os das ‘inibições múltiplas’ e o da ‘adolescência prolongada’, sendo este muitas vezes incentivado e mesmo produzido pela família (Nouvelle Revue de Psychanalyse, 1985). (Rocha, 2003, p.64)

O desenvolvimento do projeto possibilitará problematizar as diversas questões inerentes ao uso abusivo de drogas, no que tange a comunicação, a alienação e a ausência de identidade cultural, abordado aqui como sintoma resultante da intrínseca inter-relação entre o indivíduo e seu meio (ambiente), levando em consideração que é na relação entre os dois que ambos se constituem como se apresentam (num espaço cultural específico, numa época definida). Somente após seu desenvolvimento efetivo seria possível fornecer uma análise psicossocial eficiente da população assistida pelo projeto.

A análise psicossocial em um grupo, seja este qual for, dirige-se a seus próprios membros, seus papéis, seus poderes, suas identidades (“individuais” e “sociais”), suas histórias, o contexto no qual se incluem, os determinismos que sobre eles (considerados individualmente) e sobre o grupo atuam. A análise visa permitir (através da pesquisa-ação ou outra forma de pesquisa apropriada) a interrogação, a localização dos controles, a identificação dos mecanismos de alienação e desalienação dos quais participam (mesmo que inconscientemente) os indivíduos, a tomada de consciência da coletividade e do ser histórico que cada um é. (...) (Nasciutti, 1996, p.51).

De acordo com Morin (2001), somente considerando as especificidades e singularidades histórico-econômico-sócio-culturais da comunidade em análise, a nível local, verificando suas reais necessidades (evitando a importação de ‘soluções sociais’) e verificando a possibilidade de difundir os saberes necessários a uma educação

do futuro (global, comum), torna-se possível construir um futuro criativo, autocrítico, compreensivo e libertador.

As estratégias desenvolvidas tanto nas instâncias governamentais, científicas ou comunitárias de combate e prevenção ao uso indevido ou abusivo de drogas deveriam estar fundamentadas em uma análise psicossocial. A análise psicossocial, visando o desenvolvimento humano sustentável, procura direcionar a elaboração de suas ações em parceria com o seu público-alvo (qualificando-o e capacitando-o).

No campo da psicologia, e em particular na psicoterapia, perdemos a ilusão ligada à modernidade de poder contar com uma narrativa ou um tipo de discurso capaz de prover um roteiro unitário, um desenho homogêneo para os variados espaços existenciais da vida contemporânea. Sem dúvida, há perspectivas emergentes que propõem “integrar a fragmentação, a pluralidade, as diferenças, a multidimensionalidade, em desenhos complexos” (Schnitman, 1996, p.291)

Compreendendo liberdade, não como libertinagem ou anarquia, mas como um processo viabilizador da criatividade, do auto-conhecimento, do prazer, de circunscrição dos limites e, também, como um instrumento de desalienação, é possível entender o uso de droga como consequência da sua inexistência na educação da pós-modernidade. Portanto, o jovem da modernidade tardia sofre com as restrições externas em sua vida. Além disso, sofre com os efeitos de um passado de ações e intervenções desmedidas da espécie humana em seu meio ambiente. Sofre com as restrições, circunscritas através do controle social, geradas tanto pela violência no mundo como pela pré-programação de seu futuro.

Referências Bibliográficas

- BATESON, G. *Mente e Natureza: A unidade necessária*. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 1986.
- BATISTA, V. M. A construção do transgressor. In: Baptista, M., Cruz, M. e Matias, R. (orgs.) *Drogas e pós-modernidade 2: faces de um tema proscrito*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ. 2003. pp.147-156.
- FLECK, LEAL, LOUZADA et al. Desenvolvimento da versão em português do instrumento de avaliação de qualidade de vida da OMS (WHOQOL-100). In: *Revista Brasileira de Psiquiatria* 21(1). São Paulo, 1999.
- MISSE, M. O movimento: a constituição e reprodução das redes do mercado informal ilegal de drogas a varejo no Rio de

Janeiro e seus efeitos de violência. In: BAPTISTA, M., CRUZ, M. e MATIAS, R. (orgs.) *Drogas e pós-modernidade 2: faces de um tema proscrito*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ. 2003. pp. 157-163.

NASCIUTTI, J.C.R. Reflexões sobre o espaço da Psicossociologia. In: Documenta EICOS nº 7 (ano IV), Rio de Janeiro, 1996. pp.51- 58.

PICHÓN-RIVIÈRE, E.- O Processo Grupal. São Paulo: Martins Fontes -1998

ROMANI, O. A toxicomania oficial: políticas e drogas. In: Baptista, M., Cruz, M. e Matias, R. (orgs.) *Drogas e pós-modernidade 2: faces de um tema proscrito*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ. 2003.

ROCHA, F. J. B.(2003) Sobre Édipo, atualidade e patologias do ato. In: Baptista, M., Cruz, M. e Matias, R. (orgs.) *Drogas e pós-modernidade 2: faces de um tema proscrito*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ. pp.57- 66.

ROMANI, O. A toxicomania oficial: políticas e drogas. In: Baptista, M., Cruz, M. e Matias, R. (orgs.) *Drogas e pós-modernidade 2: faces de um tema proscrito*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ. 2003. pp.33 - 42.

SCHNITMAN, D. F., FUKS, S. I. (1996) Metáforas da mudança: terapia e processo. In: *Novos Paradigmas, Cultura e Subjetividade /organizado por Dora Fried Schnitman*; tad. Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: Artes Médicas, pp.244 - 253

SCHNITMAN, D. F. (1996) Reflexões de encerramento: Diálogos, Certezas e Interrogações. In: *Novos Paradigmas, Cultura e Subjetividade /organizado por Dora Fried Schnitman*; tad. Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: Artes Médicas, pp. 290 - 294.

Abstract

Discuss the influence of quality of life on drug addicts treatment. The patients, teenagers socially and economically unfinished are sent by judiciary power from Rio de Janeiro-Brazil to a university research center specialized on drug addiction. This study used research resources from OMS. The questionnaire WHOQOL-100 is the key of the evaluation process. In order to provide a new technological resource improving the treatment that has been offered to this particular population. The leisure, the cultural education and art are the mainly ways of getting teenagers attention. The center of interest of the article are the pleasant behaviors. The hypothesis is based on the healthier choice between sports, cinema, or even a cultural center instead of the subcultural drug routine changing the risk behavior to a development increasing one.

Keywords: teenagers, quality of life, drug addiction, leisure

